

O AMANTE-PAI: MARCAS DO RELACIONAMENTO CONTEMPORÂNEO

COSTA, Raquel Maria Soares da.¹

RESUMO:

Levando em consideração as transformações sociais e o dinamismo das culturas ocidentais, este trabalho visa a análise das especificidades/conflitos existentes na relação afetiva e íntima entre homens e mulheres de gerações diferentes. Para esse feito, serão entrevistadas mulheres adolescentes estudantes de uma escola estadual localizada na cidade de Campina Grande – PB. Tendo como base, Foulcault (1997), Freud (1996), Freyre (2001), Touraine (2007), entre outros. A análise será de natureza quantitativa, e propõe levantar questões a respeito do diálogo entre gerações distintas que tentam estabelecer uma nova representação subjacente na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; geração, relacionamento.

As relações humanas são universalizantes por constituírem a base das transformações sociais que constroem sincronicamente e diacronicamente o percurso civilizatório. As mudanças decorrentes, de uma determinada cultura, tornam-se quase inevitáveis, visto que são elas capazes de formalizar um alicerce social que legitima e (re)produz ideologias pré-determinadas por grupos hegemônicos. Com o passar dos séculos, as prioridades de cada civilização vão se transformando e, nelas, são acrescentadas novas formas de percepção dos acontecimentos. Fato este que leva a uma espécie de *metamorfose ideológica*, onde os antigos conceitos culturais permanecem, mas além de serem apreendidos de forma diferenciada, são acrescidos de novas perspectivas idealistas que foram (re)criadas num determinado momento histórico.

Pode-se observar que as relações entre jovens e adultos, jovens e velhos, e adultos e velhos estão incluídas nesse contexto histórico, onde valores são “atualizados” conforme as premissas de cada geração, haja vista que “as culturas são vivas, como os seres humanos, e, como eles, sua continuidade não é estática mas dinâmica” (ALBÓ, 2005, p.37) . Assim, torna-se pertinente considerar como determinadas relações afetivas são articuladas pelos indivíduos e como esse processo afetivo está intrinsecamente associado a valores condicionados pela psique do indivíduo e pelas atribuições da sociedade vigente. Nesse sentido, este trabalho procura analisar as especificidades/conflitos existentes na relação afetiva entre homens e mulheres de gerações diferentes. Para esse feito, foram entrevistadas 25

¹ (MLI – UEPB)

mulheres adolescentes que cursam o ensino médio na Escola Estadual Dr. Hortênsio de Sousa Ribeiro – PREMEN, localizada na cidade de Campina Grande – PB. Através de um questionário com 20 interrogativas, cada adolescente (entre 15 e 19 anos) pôde demonstrar de forma objetiva a sua opinião acerca do relacionamento de mulheres adolescentes com homens mais velhos. A seleção das alunas foi realizada numa pequena apresentação do que seria esta pesquisa e, assim, em cinco turmas da Escola referida (três do turno manhã e duas do turno tarde), foram eleitas para responder as perguntas apenas adolescentes que já se envolveram ou que estão envolvidas de alguma forma com homens, no mínimo, 10 anos mais velhos. Não foram exigidos dados que identificassem as jovens – umas das prevalências especificadas durante a proposta desse estudo foi a de não expor moralmente as participantes. Além disso, não houve um interesse em especificar o nível social das entrevistadas, pois, foram levados em consideração apenas os fatores relacionados diretamente com a proposta. O questionário foi aplicado uma vez em cada turno, numa sala reservada para tal procedimento. Tornou-se necessária a realização de uma leitura do mesmo para o esclarecimento de possíveis dúvidas quanto aos enunciados. Estes enunciados foram elaborados a partir de observações aleatórias sobre o assunto, tanto problematizado pela mídia quanto pelas conversas com mulheres (sem determinante de idade) que se relacionaram/relacionam com homens mais velhos. As considerações possivelmente relevantes no conjunto de dados analisados aqui serão com base nas respostas que se apresentam em maior quantidade, em sua maioria.

A possibilidade de interação entre gerações diferentes é sem dúvida, um marco na história da humanidade. Isto é evidenciado na pós-modernidade, sobretudo pela estrutura social que a compõe que está nem tão distante do tradicionalismo patriarcal, nem tão perto de generalizações ideológicas, propostas pelas revoluções culturais do final do século XX. Para Freyre (2001, p. 48), “não há cultura sem esse tipo de experiência”, sem essa interação de valores entre pessoas de gerações distintas. Quando se trata de um relacionamento afetivo com pessoas do sexo oposto, nota-se que as problemáticas que emergem tanto por parte dos amantes como por parte da família do(a) adolescente aludem a um entrelaçado jogo de interesses. Estes interesses são percebidos pelos próprios companheiros da relação como algo claramente evidenciado a partir do momento da entrega afetiva. As perguntas deste trabalho tentam investigar (por um determinado ponto de vista feminino) a maneira que a adolescente: vê o homem mais velho como provável amante no momento presente e num provável futuro – não importando o momento real da relação (mesmo que esse momento já tenha passado); se vê como parte proeminente desse relacionamento; articula os argumentos que fundamentam o seu interesse por

homens mais velhos; profere a respeito das afinidades existentes nesse tipo de relação; e caracteriza o seu relacionamento familiar.

Na contemporaneidade, os jovens são considerados parte fundamental da conjuntura social – futuros “representantes da nação” – e parte degradante dessa mesma conjuntura – são eles um dos maiores responsáveis pela violação das leis. Essa complexa imagem preexistente vai de encontro ao que a hegemonia vigente propõe como valorativo para a humanidade: *a continuidade de certos valores determinados*. O relacionamento amoroso entre jovens e adultos sofre transformações/permutações desde os séculos passados. Nessa época havia uma aceitação/obrigação por parte das famílias em adotar tal tipo de conveniência, e, na contemporaneidade, essa aceitação surge primeiramente por parte da jovem namorada e não das instituições sociais que a compõem, como a família, a igreja, a escola, a comunidade, entre outras.

Certamente, o estudo proposto torna-se relevante por aludir aos pressupostos culturais no que tange à representação de experiências humanas no funcionamento social. Visa observar de maneira geral como as produções culturais atuam e como elas são construídas e instituídas pelos sujeitos. Esse estudo tem como base a análise das relações das gerações, levando em consideração a relação de gênero, visto que, essa crítica parte de um ponto de vista específico: o olhar feminino.

O diálogo contemporâneo entre gêneros e gerações

A mulher contemporânea busca cada vez mais se apropriar de espaços sociais que podem favorecê-la culturalmente. Isto significa dizer que ela conquista mais lugares na sociedade falocêntrica, tantos inclusive, que por ora torna-se quase impossível conceber de que maneiras esses podem ser *tão* favoráveis para ela. Além de todos os preceitos condicionados para a mulher, como ser dona de casa, mãe e esposa, outros surgiram, como a de ser a principal responsável pelo orçamento familiar. A partir do século XX aumenta a necessidade/interesse intelectual das mulheres e consecutivamente, elas passam a atingir a sua independência financeira – fato que desencadeou o aumento dos índices de divórcio, e deste modo uma nova constituição familiar. (BOURDIEU, 2003)

Depois de décadas pós-revolução feminista, o papel da mulher parece ter mergulhado num turbulento antro de expedições intermináveis. A luta a favor de mudanças se confronta com a difícil superação em manter o equilíbrio diante de intermináveis obrigações. Para Touraine (2007, p. 232), o “sujeito-mulher” assume com veemência as inconstâncias do cotidiano moderno, por desenvolver “um desejo de recomposição da experiência”. Diferentemente dos homens, elas são capazes de

equilibrar/realizar diversas atividades diárias, sejam elas de caráter físico ou subjetivo:

Mas são precisamente as mulheres que conduzem e sustentam as transformações culturais atuais [...] quando se tornam dominantes, afirmam a própria superioridade por sua complexidade, por sua capacidade de perseguir diversas tarefas ao mesmo tempo. Elas pensam e agem em termos de *ambivalentes*, termos que permitem combinar e não obrigam a escolher. E é precisamente num mundo de ambivalência (e não mais num mundo bipolar) que estamos vivendo. (TOURAINÉ, 2007, p. 233).

Para esse teórico, o mundo contemporâneo ocidental possui um novo sistema de organização cultural, da qual ele denomina de "modelo de recomposição", ou seja, uma nova sociedade que necessita de recombinação de ideologias, e é nessa conjuntura que as mulheres atuam como agentes, e não mais como co-agentes. Os homens, portanto, tendem a se adequar ao multiculturalismo, e aceitar a descentralização do seu poder. Isto não quer dizer que a mulher assumiu este poder, mas que ela ocupa nessa nova sociedade um papel mais central.

Dessa forma, as relações entre homens e mulheres sofrem mudanças. Os papéis sociais estabelecidos para cada gênero, apesar de constituírem uma base sólida e estável num conjunto geral de ideologias (CASTELLS, 1999), em suas particularidades sofrem transmutações de sentidos. O pensamento de que a mulher ideal para a constituição do "matrimônio" é a tímida e a recatada parece estar se diluindo no senso comum. Os "maridos perfeitos", não postulam as características de "bom moço" (sensível e amoroso) como predominância no gosto feminino, ele deve transparecer beleza, virilidade e estabilidade econômica. O culto à beleza surge como fator imprescindível na escolha de um companheiro(a). Todas as novas perspectivas conceituais sobre os gêneros desmaterializam os seres humanos, e desmitificam o pressuposto de identidades fechadas e inalteradas.

Se as estruturas sociais adquirem um caráter dinâmico ao longo dos tempos, as novas famílias igualmente vão incorporando novos valores, além de tudo, pelas mudanças do sistema educacional e pelos avanços tecnológicos. Negreiros (2004, p. 6), tece alguns comentários a respeito dessa mudança social:

As fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, parceiros masculinos mais jovens [...]

A responsabilidade de criar os filhos tornou-se adversa porque os adultos da casa, (sobretudo no caso das mães) possuem menos disponibilidade para cuidar dos filhos. Essa nova geração de adolescentes provavelmente são criados por babás,

empregadas domésticas, pelas avós ou por pedagogas e auxiliares em creches. As prioridades familiares são basicamente capitalistas e justificadas pelo desejo de manter o bem estar dos filhos.

O direcionamento institucional deslocou as principais regras familiares predominantes no século XIX e meados do século XX – a obediência e o respeito aos pais – para focar a dedicação intelectual e a busca pelo sucesso financeiro. Não há satisfação maior para um pai ou uma mãe ver seu filho “formado” e “independente”. Com o crescente número: de adolescentes grávidas e solteiras; de violência; e de uso de entorpecentes; os pais não tiveram escolha, a não ser de valorizar/incentivar seus filhos a serem responsáveis pelos seus atos – tentativa de acelerar o processo de maturidade. Os pais deixaram de aconselhar as suas filhas a não estudarem, e a serem “prendadas” em prol de um bom casamento. Essa postura, conforme Alves (2000), dava continuidade aos preceitos moralistas dos séculos passados, que se apoiavam na submissão da mulher e na ascensão do patriarcado do ponto de vista social e econômico.

A formação identitária tem como referência essencialmente a relação familiar como primeiro contato social com o outro. Um outro que pode ser diferente, mas que nasce emergido em regras comportamentais e preceitos já determinados pelos pais. Os postulados psicanalíticos, sobretudo com base freudiana, ajudam na compreensão da formação da identidade do sujeito que através da aproximação familiar desenvolve sua sexualidade. Para Freud (1996, p. 109) “o amor aos pais, aparentemente assexual, e o amor sexual, procedem das mesmas fontes, isto é, que o primeiro não corresponde senão a uma fixação infantil da libido”. O complexo de Édipo difundido por Freud caracteriza a relação familiar como uma propensão a singularidade do sujeito em formação, que tem como primeiro apego a mãe e posteriormente, no caso da menina, ao pai através da necessidade de introspecção com o outro diferente. Em se tratando dos postulados freudianos, Negreiros destaca que a menina

volta-se para o pai que lhe poderá dar, como o fez com a mãe, um filho-pênis, caso se identifique com ela. E as figuras parentais introjetadas a partir do Édipo abririam caminho para outros modelos culturais a serem absorvidos, durante a vida (NEGREIROS, 2004, p. 4).

O processo que constrói a identidade parte de um princípio relacional que se funde primeiramente nas relações familiares, e posteriormente nas relações sociais fora de casa, ela “é o movimento pelo qual o indivíduo reformula cada vez mais a substância social que o constitui” (KAUFMANN, 2005, p. 80). Tal recorrência parte de dentro do seio familiar para o mundo exterior e funda o percurso de formação da sexualidade, esta considerada por Foucault (1977, p. 46) como “múltipla”, por possuir

peculiaridades de todas as relações que o indivíduo institui ao longo de sua vida. Durante essa formação, os pais buscam uma espécie de “continuidade” de suas existências, e fazem isso por meio da proliferação de normas de condutas que passam de geração a geração como um estigma familiar. Os filhos contemporâneos tentam quebrar essa estrutura consolidada. Apresentam-se como auto-suficientes, operando aleatoriamente em suas próprias vidas. Este fato pode ser considerado como o resultado de uma criação muito mais volúvel do que arbitrária baseada na satisfação delimitada do desejo.

O adolescente contemporâneo surge então como um ser precoce que possui inúmeras responsabilidades consigo mesmo e com o seu futuro, e que não é capaz de concretizar sozinho muitas atividades realmente edificantes. Nesse período, que existe uma necessidade de se libertar das rédeas dos pais, o jovem sente-se pressionado por eles a manterem os encargos dos seus atos e, ao mesmo tempo, a não romper totalmente com os laços de dependência. Esse equilíbrio exigido pela família não é simplesmente alcançável para o jovem porque ele não possui maturidade suficiente para encarar a vida adulta ao mesmo tempo em que não pode deixar prevalecer uma atitude puramente infantil.

Com o distanciamento dos pais, as relações afetivas com o sexo oposto aparecem ainda mais cedo entre adolescentes. Esse momento de suma relevância na vida do jovem torna-se o apogeu do descobrimento da sua sexualidade em relação ao outro, desde os primeiros flertes até a primeira relação sexual. Se no final do século XX menos de 25% dos jovens haviam tido relação sexual antes dos 15 anos de idade, observa-se que esse índice vem aumentando consideravelmente com o passar das décadas, e essa “antecipação da primeira relação sexual está presente nos diferentes estratos sociais, podendo ser admitida como uma tendência generalizada”. (BORGES, 2005, p. 504). A escolha do companheiro tornou-se um assunto discutido mais com os amigos do que com a família. E as relações entre mulheres adolescentes e homens mais velhos permanecem de algum modo como uma prática ativa que produz uma estabilidade emocional e constitutiva para as jovens. Esse tipo de relação, apesar de prevalecer desde os séculos anteriores, assume agora novas perspectivas que serão analisadas a seguir.

As contradições adolescentes: o amante-pai como protetor do presente e (des)vinculador de futuros.

As experiências vivenciadas na adolescência são consideradas decisivas na formulação/construção da identidade do indivíduo. As relações anteriormente estabelecidas socialmente, sobretudo a familiar (FOUCAULT, 1977), formaram até

esse momento um arcabouço ideológico que predominará nesta fase como estrutura de apoio para o adolescente. O (a) jovem terá que estabelecer na puberdade uma ponte entre tudo o que já foi selecionado para ele como referencial e tudo o que será descoberto como complacente. Naturalmente, os indivíduos mudam de opiniões e de comportamentos com o passar dos anos – essa é a ação contínua da construção da identidade – mas o adolescente sente-se, muitas vezes, perdido em relação a tamanhas mudanças biológicas e emocionais. Na percepção desses conflitos internos geradores de instabilidade, verifica-se que as estudantes participantes desta proposta – quando interrogadas sobre o que geralmente dizem a seu respeito (quanto aos defeitos) – se definem como “estressadas, chatas, ignorantes e impacientes” (64%). Se tratando de qualidades, 32 % afirmaram serem “companheiras”. Algumas respostas parecem contraditórias, enquanto afirmam uma dada qualidade a negam posteriormente quando intitulam o defeito. A inconstância e as contradições são evidenciadas em sua totalidade nos questionários, mostrando assim que durante essas idades (entre 15 e 19 anos) as perspectivas quanto ao presente e ao futuro são incertas e imprecisas.

Sobre a sexualidade e o relacionamento com o sexo oposto as jovens são mais específicas e por isso convergem para um mesmo circuito ideológico. O interesse pelo homem mais velho tem como justificativa o fato deles serem mais “maduros e experientes do que os rapazes” (52%) e “mais fiéis” (68%), do mesmo modo, o fato delas pensarem nas favoráveis condições para o futuro (88%). Para 36% das meninas, nesse tipo de relacionamento, os homens buscam a aventura, focalizam seus desejos no estereótipo físico e na vitalidade sexual das jovens (36%). Pode-se considerar que o homem mais velho entra num jogo de percepções palpáveis a sua vivência, onde as diferenças estimulam o desejo. Para Foucault (1977, p.48), “prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e incitação”.

A jovialidade feminina desperta no homem uma necessidade de auto-afirmação viril e de perduração de sua existência. Aparentemente o macho presume estar no controle da situação por possuir uma quantidade maior de conhecimentos/experiências amorosas. No entanto, a mulher mais nova legitima o seu poder sobre o homem mais velho através de uma tendenciosa sensualidade jovial.

Quando indagadas sobre o futuro com um homem 25 anos mais velho, 64% afirmaram que essa relação não seria satisfatória. Para elas, a diferença de idade quando ampla impossibilita uma vida satisfatória. Se os mais velhos buscam o prazer da juventude, as mais novas buscam o prazer de viver confortavelmente, tanto emocionalmente quanto financeiramente. Das 25 adolescentes entrevistadas, apenas

uma respondeu que namoraria um homem bem mais velho se ele ainda fosse dependente dos pais. Não se trata de um aproveitamento do homem *maduro e pervertido*, nem de um interesse puramente econômico da mulher *mercenária*. Existe uma troca equitativa que parte de uma propensão de estabilidades futuras. Os homens mais novos ou da mesma idade delas são classificados como “imaturos, inexperientes, e indisponíveis” para um “*namoro sério*” (100%). Um estudo sobre o início da vida sexual na adolescência realizado por Borges (2005), na cidade de São Paulo, em 2002, constatou que

os primeiros parceiros sexuais das mulheres, sendo quase quatro anos mais velhos que elas, podem acarretar perdas no poder de negociação e autonomia de decisão tanto em relação ao momento de iniciar a vida sexual quanto na escolha do uso e tipo de métodos anticoncepcionais pelas adolescentes [...]. Este resultado também reforça o tradicional relacionamento de mulheres brasileiras com parceiros mais velhos e, por consequência, mais experientes sexualmente e, provavelmente, mais expostos aos riscos de contrair DST/AIDS. (BORGES, 2005, p.500)

As adolescentes sentem-se de certa forma protegidas pela presença do homem mais velho, sendo este o referencial masculino que pode ter ligação ao arquétipo do pai. Mas essa relação nada tem a ver com uma submissão da parte delas: ao contrário, elas descrevem uma possível relação desse tipo como algo que condicionado por elas. Touraine (2007, p. 225) afirma que as mulheres contemporâneas “reivindicam o direito ao prazer e o reconhecimento de sua sexualidade própria, afirmando que ela não se reduz a uma resposta às exigências da sexualidade masculina”.

Em se tratando da intelectualidade, 56% afirmaram que existem grandes afinidades nesse encontro de gerações. Porém, quando indagadas quais seriam, nenhuma resposta é precisa/coerente quanto à justificativa. Os lugares mais propícios para os encontros desse perfil de casal seria um bar ou restaurante (76%). Tratando-se da sexualidade e do sexo, as jovens constatam que a experiência pode ser desfavorável muitas vezes porque incentiva o egoísmo masculino (24%). Ainda sobre esse assunto, a impotência aparece com 20%, como defeito do homem mais velho.

Se por um lado o homem mais velho favorece a estabilidade do relacionamento do ponto de vista feminino, por outro, eles cobram das mulheres novas compromisso e fidelidade (64%). Todas as entrevistadas afirmaram que uma mulher mais nova sem dúvida é bem mais confiável para um relacionamento sério com um homem mais velho (100%), porque elas encontrariam nele tudo o que almejavam. Segundo elas, 48% das famílias concordariam e 32 % não concordariam com um o relacionamento desse tipo. As complementações individuais das respostas principalmente sobre a

família são caracterizadas pelo comportamento típico dos adolescentes contemporâneos, conforme já citado. Eles sentem-se mais livres para tomarem decisões e opinam mais livremente sobre determinados assuntos. Para Freud (1996, p.108), essa contradição de gerações decorrentes do desapego aos parâmetros familiares é de suma importância para “o progresso da civilização”.

O atributo mais utilizado para especificar o relacionamento familiar é o carinho (64%) e a união (28%). Os conflitos surgem em apenas 24% das respostas. A imagem do pai foi descrita pelas seguintes características: carinhoso (60%), rígido (24%), e ignorante (16%). As contradições aparecem com frequência na análise das respostas. Das 25 entrevistadas, 64% moram com os pais e 64% afirmam que eles são presentes na vida delas. Torna-se relevante apontar que na relação desses dados citados houve uma coincidência na igualdade dos números, visto que nem sempre os pais que moram com as jovens são considerados presentes em suas vidas.

Algumas respostas dos questionários não foram descritas na contabilidade dos dados devido à falta de coerência dos argumentos, e da inteligibilidade das afirmativas. Necessitaria, por fim, de uma interpretação precisa correlacionada ao conjunto de ideologias de cada jovem.

Considerações Finais

Pode-se constatar que nesse novo contexto social onde os mais velhos cultuam a beleza e se intensificam em buscar o “bem estar” físico e mental, as afinidades entre jovens e adultos, adultos e velhos, e jovens e velhos surgem como troca de experiências e realizações. No entanto, enquanto os pais se distanciam de seus filhos por procurarem a sustentabilidade familiar – uma busca interminável – suas filhas adolescentes encontram nas relações com um homem adulto, proteção financeira e emocional. Ao contrário de uma *armadilha masculina*, as jovens se dispõem a esse tipo de relação, onde há uma troca de interesses. Do ponto de vista feminino (adolescente) o homem mais velho pode favorecer o desenvolvimento social da mulher, desde que a sua idade e a sua experiência não passem a ser um problema. No mundo contemporâneo, as mulheres deixaram de lado a submissão exasperada e passaram a buscar os seus interesses maiores, dentre eles o conforto e a segurança, anseios que um amante-pai pode oferecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBÓ, Xavier. **Cultura, interculturalidade, inculturação**. Tradução de Yvonne Mantoanelli. São Paulo: Loyola, 2005.
- ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. **Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX**. Brasília: 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722000000300006&script=sci_arttext&ting=pt>. Acesso em: 25 agosto 2009.
- BORGES, Ana Luíza Vilela; SCHOR, Néia. **Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero**: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n2/16.pdf>>. Acesso em: 25 agosto 2009.
- BOURDIER, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **O fim do patriarcalismo**: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: _____. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3ª edição Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- FREYRE, Gilberto. **Além do apenas moderno**: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular. 2ª edição. Rio de Janeiro: Universidade Editora, 2001.
- FREUD, Sigmond. Além do princípio do prazer. In: ____Obras Completas. Edição Standard Brasileira. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A invenção de si**: uma teoria da identidade. Tradução de Joana Chaves. Lisboa: Piaget, 2005.
- NEGREIROS, Tereza Creusa de Góes Monteiro; FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Masculino e feminino na família contemporânea**. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 setembro 2009.
- TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Tradução de Gentil Avelino Titton. 3ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.